



ANTES E

Um dia decisivo na vida
de grandes brasileiros,
quando pequenos

DEPOIS

ilustrações

Daniel Almeida

2ª EDIÇÃO



Copyright do texto © 2015 by Flavio de Souza
Copyright das ilustrações © 2015 by Daniel Almeida

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os fatos referentes à vida das personalidades abordadas e à história do Brasil que aparecem neste livro são verdadeiros. No entanto, as situações em que aparecem cada um dos personagens são inventadas e fazem parte do contexto da ficção.

CRÉDITOS DAS IMAGENS DE CAPA:

Pedro de Alcântara: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional — Brasil
Chiquinha Gonzaga: Acervo Chiquinha Gonzaga/ Instituto Moreira Salles
Lima Barreto e Machado de Assis: Acervo Iconographia
Monteiro Lobato: © Monteiro Lobato — Todos os direitos reservados
Mário de Andrade: Coleção Mário de Andrade. Arquivo fotográfico do Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros — USP
Maria Lenk: Equipe AE/Estadão Conteúdo
Machado de Assis: Acervo Iconographia

PREPARAÇÃO: Thais Rimkus

REVISÃO: Viviane T. Mendes e Thaís Totino Richter

COMPOSIÇÃO: Tânia Maria • acomte

TRATAMENTO DE IMAGEM: M Gallego • Studio de Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Flavio de

Antes e depois : Um dia decisivo na vida de grandes brasileiros, quando pequenos / Flavio de Souza ; ilustrações de Daniel Almeida — 2^a ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2018.

ISBN 978-85-7406-840-4

1. Literatura infantojuvenil. 1. Almeida, Daniel. II. Título.

14-09897

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
☎ (11) 3707-3500
✉ www.companhiadasletrinhas.com.br
✉ www.blogdaletrinhas.com.br
✉ [/companhiadasletrinhas](http://companhiadasletrinhas)
✉ companhiadasletrinhas

*Para a Bebel, que tem o nome da
princesa que participa bastante deste livro.
Que a sua vida seja cheia de liberdade.*

R. S.

SUMÁRIO

Prólogo — Um dia especial da vida de sete brasileiros especialmente especiais, 5

Pedro de Alcântara, o pequeno herdeiro da nação, 9

Luiz Gama, o amigo de todos, 42

Chiquinha Gonzaga, a abre-alas, 65

Lima Barreto, o mortal imortal, 117

Monteiro Lobato, o pai da Emília, 131

Mário de Andrade, um antigo moderno, 150

Maria Lenk, um peixe dentro d'água, 172

Apêndice 1 – Machadinho, o órfão rejeitado, 188

Apêndice 2 – Chiquinha no palco, 190

Apêndice 3 – Nossos sete brasileiros na linha do tempo, 192

Créditos das imagens, 201

Sobre o autor, 202

Sobre o ilustrador, 203

PRÓLOGO — UM DIA ESPECIAL DA VIDA DE SETE BRASILEIROS ESPECIALMENTE ESPECIAIS

Antes de mais nada, este livro é mais de histórias que histórico. Mesmo sem deixar de conter fatos reais.

Aqui vamos falar de sete vidas. Sete brasileiros. Sete dias que mudaram sete vidas. Ao mesmo tempo, esses dias também mudaram a vida de milhares, milhões de brasileiros. Continuam mudando. E ainda mudarão.

Alguns personagens são mais conhecidos que outros. Alguns já tiveram sua imagem impressa em cédulas de nosso dinheiro. E os que não tiveram deveriam ter tido.

Estas sete histórias de vida têm a ver com a liberdade — a falta dela e a luta por ela. As sete histórias também têm a ver com preconceito. Algumas das pessoas retratadas sofreram com esse mal da humanidade. A maioria fez muito para que a liberdade fosse um direito de todos no Brasil.

Todos os habitantes de uma nação são importantes; a vida de todas as pessoas é especial e poderia ser contada em um livro de maneira interessante. No entanto, as histórias de algumas pessoas serviram e continuam servindo de exemplo para muitas outras, por isso são destaque.

Algumas pessoas continuam a ser lembradas por todos, mesmo tempos depois de morrer. Porque realizaram façanhas. Tiveram oportunidade de criar, desenvolver e executar obras que se tornaram clássicas por sua qualidade. Por sua inovação. Por seu pioneirismo.

Algumas das sete pessoas reais deste livro não criaram obras de arte, mas atuaram modificando a vida de muita gente. Servindo de exemplo. Divulgando coisas importantes. Mostrando possibilidades.

Neste livro, o mais importante e principal é o relato de um dia específico na vida dessas sete pessoas. Um dia que determinou como seriam todos os outros dias da vida delas. E o resto de cada história foi escolhido para mostrar como a vida desses sete brasileiros era antes e como ficou depois do dia fatídico.

VERDADE VERDADEIRAMENTE VERDADEIRA?

- Não é verdade.
- Não é? Verdade?
- Não é. Verdade.
- Não, é verdade.
- Não! É verdade?
- Não? É! Verdade!

Pequenos detalhes podem mudar frases faladas, gravadas ou escritas. Quem escuta pode não ouvir direito; quem digita, revisa e edita pode comer mosca. Como é possível saber perfeitamente, de maneira exata, sem sombra de dúvida, o que alguém quis contar?

Será que existe mesmo a verdade que é totalmente verdadeira, sem nem um pingo de mentira, distorção ou adaptação?

Será que algumas das informações nos livros de história não são invenções dos autores que ficaram sabendo dos fatos através do relato escrito ou falado de pessoas que viram os fatos acontecerem; ou de pessoas que ouviram de outras pessoas que viram os fatos acontecerem; ou de pessoas que ouviram de outras pessoas que ouviram de outras pessoas que viram os fatos acontecerem; ou seja, de segunda, terceira ou quarta mãos?

Será que mesmo nos relatos históricos as pessoas não inventaram, aumentaram, acrescentaram nem modificaram um pouco os fatos e esqueceram que estavam fazendo isso?

Por exemplo, não dá para negar que no dia 7 de setembro de 1822 o imperador d. Pedro I declarou o Brasil independente de Portugal. Mas será que ele estava mesmo em um grande e belo cavalo, às margens do rio Ipiranga, e levantou a espada e gritou “Independência ou morte?”, como está pintado em um famoso quadro de Pedro Américo?

Assim, para contar as sete histórias deste livro, o autor criou “molduras”, novos contornos para os quadros históricos, mas todos os fatos que falam da vida e da história desses personagens reais foram pesquisados e são o mais fiel possível à realidade. É claro que, assim como muitos outros escritores, ele recebeu as informações de segunda, terceira, quarta mãos e pode ter cometido erros não intencionais.

E por que os personagens estão enquadrados em molduras tão diferentes? Pelo mesmo motivo que as pessoas colocam quadros de pintores medievais

em molduras com volumes trabalhados em dourado e quadros de pintores modernistas em molduras simples, sem enfeites. Ou seja, o que acontece antes e depois da coroação de d. Pedro, o primeiro e último imperador brasileiro nascido aqui, vai bem em uma farsa inventada pelo autor deste livro com tom de comédia carregado; o argumento de um filme combina com os lances cinematográficos da vida alvoroçada, comovente e intrépida do poeta, advogado e abolicionista Luiz Gama; uma comédia teatral musical também inventada pelo autor tem tudo a ver com Chiquinha, que, entre muitas outras funções, era compositora e foi precursora na história da música erudita e popular do Brasil; uma conversa — totalmente criada pela imaginação deste que vos fala — de Lima Barreto com o porteiro do céu é a cara do escritor cheio de graça, ironia e irreverência; um bate-papo com aquela que o autor inventou ser a inspiração de Lobato para a personagem central do Sítio do Picapau Amarelo na varanda de um sítio, com direito a rede, comes e bebes, é o cenário ideal para falar de Monteiro Lobato; um programa de TV educativo também totalmente inventado combina com Mário, que, além de artista de vanguarda, inovador, corajoso e desbravador, foi professor e criou os parques infantis municipais paulistanos; e uma entrevista com Maria Lenk, criada pelo autor deste livro mas aproveitando frases ditas por ela, é a melhor maneira de deixar a maior nadadora brasileira falar à vontade sobre sua vida.

A VERDADE EM VÁRIAS VERSÕES

Em duas das sete histórias, as palavras dos próprios personagens foram usadas como base para a narrativa: uma carta de Luiz Gama, o famoso ex-escravo que se tornou advogado e defensor da abolição, e as respostas para uma entrevista de Maria Lenk, que fez as declarações aqui reproduzidas ao longo de sua vida nos mais diversos meios de comunicação. A parte das perguntas da entrevista de Maria Lenk, assim como as suas falas, foi reescrita, mas os trechos da carta aparecem exatamente como Luiz Gama escreveu. De qualquer maneira, quem garante que ele não errou sem querer ao contar a história de sua vida? Ele pode ter esquecido detalhes, se confundido ou modificado um pouco sua vida por algum motivo que não saberemos ao certo, não?

É sabido, por exemplo, que escritores como o belga Georges Simenon, ao narrar suas memórias, contaram fatos de sua vida de duas ou três maneiras bem diferentes...

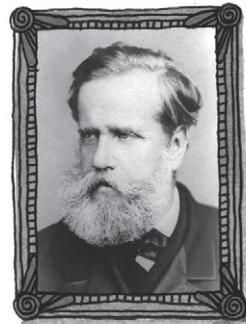
MAIS SENSACIONAL, INCRÍVEL E INTERESSANTE

Talvez algumas dessas verdadeiras mentiras façam parte deste livro. Mas, como dissemos, só nos detalhes. Os acontecimentos relatados mais importantes são comprovados. Vamos a eles:

- 1) Pedro de Alcântara foi mesmo coroado imperador do Brasil aos catorze anos.
- 2) Luiz Gama realmente foi vendido como escravo pelo próprio pai, aos dez anos, e foi a pé de Santos a Campinas.
- 3) Chiquinha Gonzaga começou a compor quando ainda era muito jovem.
- 4) Lima Barreto de fato presenciou a festa da Abolição quando tinha sete anos e teve que abandonar o sonho de ser engenheiro.
- 5) Monteiro Lobato desistiu do sonho de ser pintor.
- 6) Mário de Andrade abdicou, sem dúvida alguma, da ideia de ser pianista concertista por ficar traumatizado com a morte de um de seus irmãos, causada por uma bolada na cabeça durante uma pelada.
- 7) Maria Lenk se tornou uma das maiores atletas do Brasil devido a uma pneumonia.

A maneira como esses acontecimentos se deram em um dia muito especial da vida dos sete brasileiros foi pesquisada e revisada. Fora os detalhes de invenção literária, tudo aconteceu mesmo, e essas histórias reais provam que, às vezes, a vida das pessoas é mais sensacional, incrível e interessante que as histórias inventadas pelos seres humanos...

PEDRO DE ALCÂNTARA, O PEQUENO HERDEIRO DA NAÇÃO TRECHOS ESCOLHIDOS DO DIÁRIO DE UM VAMPIRO



INTRODUÇÃO — SÓ QUEM É PODE SABER

Quem sabe o que significa viver há mais de setecentos anos?

Quem conhece o tédio de ver os mesmos erros sendo cometidos, geração após geração?

Quem consegue entender o que é renascer de sessenta em sessenta anos, fingindo ter morrido e se apresentando como filho de si mesmo?

Quem tem noção do que é ser jovem para sempre?

Só quem é como eu. Um vampiro. Não um mocinho de filme açucarado ou de seriado engraçado. Sim, um morto-vivo sanguessuga.

Nós, os vampiros, não morremos, ainda que mortais corajosos possam nos transformar em morcegos, estátuas de pedra ou fumaça. Como isso acontece não posso revelar, primeiro porque demandaria muito tempo, segundo porque estou proibido de registrar esses processos, terceiro porque você que está lendo, por exemplo, pode se inspirar e se tornar um novo Helsing, um caçador de pobres imortais como eu.

Não direi minha nacionalidade, mas imagino que meu patético orgulho patriótico tenha me levado a deixar pistas nas anotações diárias.

MESTRE DE ETIQUETA

Para viver em meio a mortais sem levantar suspeitas, tenho que parecer sempre preocupado com dinheiro, encontros amorosos e poder, além de demonstrar medo de envelhecer e morrer. Sempre mudo de país, nacionalidade, nome, biografia e também de profissão.

Aconteceu-me, então, de viver dentro dos muros da corte real portuguesa durante quase todo o século 19, empregado como mestre de etiqueta (ou seja, boas maneiras) para o herdeiro da coroa e seu irmão, já que o

mais novo poderia sobreviver ao mais velho e tornar-se, assim, o herdeiro seguinte.

FIDELIDADE NO GERAL, NEM TANTO NOS DETALHES

Na época dos fatos aqui relatados, ainda não havia nenhum tipo de gravador, e minha memória é boa, mas não fotográfica. Fiz anotações diariamente antes de dormir, portanto, horas depois dos ocorridos. Com tanta gente tagarelando à minha volta (na maioria das vezes coisas sem o menor interesse e o menor sentido), posso ter misturado frases de um com frases de outro e possivelmente até parágrafos inteiros saídos de uma boca com os saídos de outras bocas.

Mas a falta de fidelidade absoluta se deve também a mais quatro fatos:

- 1) Não me lembrei do exato diálogo, por exemplo, entre d. João e d. Carlota Joaquina, palavra por palavra, palavrão por palavrão.
- 2) Não me contive e coloquei no papel coisas que ouvi apenas em minha imaginação — e meu senso de humor não é dos mais bondosos.
- 3) Fiz uma boa faxina nos escritos quando decidi contar um pouco da história do pobre pequeno príncipe, já que, quando fiz as anotações no diário, não tomei cuidado com a linguagem, porque não imaginei que haveria outro leitor que não eu mesmo.
- 4) Mudei palavras e expressões da época e até parágrafos inteiros, porque certamente não serei lido por ninguém dos tempos passados e porque espero ser lido por mortais vivos no século 21.

O ASSUNTO PRINCIPAL

Quem vê a grande maioria dos retratos de Pedro de Alcântara pode ficar na dúvida se algum dia aquele senhor barbado foi uma criança. É claro que foi, e, do ponto de vista material, sua infância foi das melhores. No entanto, no âmbito afetivo, psicológico e social, dificilmente poderia ter sido pior.

Tratado como um projeto de rei desde que saiu do útero da mãe, Pedro de Alcântara foi preparado para substituir o pai no trono. Como tinha personalidade dócil e tranquila, aceitou todas as obrigações, as restrições e até as proibições que sua situação lhe trouxe.

D. Pedro II nunca se rebelou. Aparentemente nunca burlou nenhuma das leis do protocolo. Nunca demonstrou publicamente insatisfação, inconformismo nem raiva com a gaiola de ouro em que foi criado e mantido até ser proibido de permanecer no país do qual tinha sido, de certa maneira, dono.

A seleção dos trechos reunidos em “Antecedentes”, a seguir, mostra parte da construção do berço esplêndido em que foi colocado o menino e a razão de ainda existir, até o fim do século em que quase toda a América se libertou de seus colonizadores, um monarca dotado de físico, cultura, ideias e modos europeus no mais tropicalista dos países tropicais. E a parte chamada “Descendentes” dá uma breve visão das cenas de que o personagem participou no teatro do mundo ocidental.

ANTECEDENTES

Napoleão Bonaparte espalha-se Europa afora

18 de maio de 1804

Ensinar boas maneiras para dois cavalos seria mais fácil que para os príncipes d. Pedrinho e d. Miguelito. Pensando bem, não é só difícil, é impossível. Porque ambos são potros selvagens.

O que não é de se estranhar, considerando que foram criados por aquela espanhola mais insana e insensata que a sogra, que foi oficialmente declarada doida. Quer dizer, foram mal educados ou deseducados por essa mãe, que tem um par de castanholas como lábios e a língua tão venenosa quanto a da mais peçonhenta das serpentes.

Toda vez que me encontro a menos de cinquenta metros de d. Carlota Joaquina agradeço à divina providência, que fez que a rainha não aceitasse a sugestão do marido de que sua senhora fosse também minha pupila.

Aliás, anoto aqui um perfeito estratagema para convencer d. Carlota a aceitar seja lá o que for: basta citar o fato — real ou não — de d. João ter se mostrado contra.

Foi dessa maneira que me safei de cuidar da etiqueta das seis filhas Marias, chamadas, por ordem de idade: Maria Teresa, Maria Isabel, Maria Francisca, Isabel Maria, Maria da Assunção e Ana de Jesus Maria.

Espero que o pai do herdeiro do trono não perceba o quanto é inútil manter-me em sua folha de pagamento, pois é inútil ter um mestre de etiqueta se os alunos são delinquentes. Mas, pelo menos por enquanto, não desejo perder essa posição na corte lusitana.

O dia teria sido um completo bocejo se não fosse pela notícia de que Napoleão Bonaparte coroou a si mesmo imperador da França. Quem diria que isso aconteceria, sem guerra civil, apenas onze anos depois da queda da Bastilha e de Luís XVI e Maria Antonieta perderem a cabeça na guilhotina?

Para onde foram as conquistas da revolução: igualdade, liberdade e fraternidade? Ao que tudo indica, a liberdade ficará reservada aos que obedecerem cegamente ao baixinho espevitado, a fraternidade irá se restringir à distribuição que o corso — ou corsário? — fará dos pedaços de seu império para seus irmãos de sangue, e a igualdade irá valer para toda a população — todos, sem exceção, terão o mesmo direito a não ter direitos!

Esse senhor tem pequena estatura, grande amor-próprio e confiança em si mesmo, enorme poder de governar, gigantesca capacidade de guerrear e conquistar, e monumental pretensão. Ele vai longe.

Porém, eu já vi essa história acontecer várias vezes. Uma hora ele irá longe demais...

Vou ou não vou, esta é a questão!

12 de agosto de 1807

Napoleão Bonaparte cravou a coroa na cabeça de sua esposa, Josefina, mas quem sentiu as enxaquecas foram os governantes de meia Europa. Com exceção do rei Jorge III, que, de acordo com os boatos, vai pelo mesmo caminho de d. Maria I de Portugal, ou seja, para a insensatez completa. Seja como for, o império britânico não só não se curvou diante do reizinho francês, como ameaça estragar sua brincadeira de domínio em efeito dominó.

D. João continua feito artista saltimbanco, equilibrando-se sobre uma muralha, com um precipício de cada lado. Será que o príncipe regente não se dá conta de que está mais vulnerável que nunca? Não há nada mais fácil que derrubar um gato de um muro, basta uma pedrada! Ou será que é mais duro do que se pensa, pegar o gato no pulo?

Difícil e perigosa escolha saber se d. João deve se tornar personagem da peça *Rei João*, do inglês Shakespeare, ou da do francês Molière chamada *Don Juan*, cuja tradução é *Dom D. João*...

As dúvidas pairam no ar em volta da cabeça do futuro rei de Portugal como mariposas rodeiam um lampião. E, disso tudo, o que mais me interessa é saber se o infante d. Pedrinho vai para o hemisfério sul ou fica, agora que ele é meu único pupilo, desde que seu irmão mais novo, d. Migue-lito, foi proibido pela mãe de presenciar minhas aulas.

Juro por tudo que me é mais sagrado que não tive nada a ver com isso. É claro que minha vida ficou bem mais sossegada sem um dos pequenos ogros — e, justamente, sem o mais selvagem deles. Mas, veja só, eu apenas deixei escapar na presença da espanhola mentecapta que seu marido estava muito satisfeito com os novos modos de comportamento de d. Miguelito...

Se o príncipe regente pretende ou não ir para o fim de mundo tropical, não é minha preocupação. Se a família real for ao Brasil, Portugal ficará ao Deus dará, e será um Deus nos acuda. Mas há a opção de ir apenas o infante herdeiro. D. Pedrinho pode ficar ou zarpar, e eu, se quiser manter meu emprego e meu salário, posso ir junto ou ficar. Essa é a única questão que me interessa e me preocupa.

Bombas sobre Zelândia e Amader

4 de setembro de 1807

O último morcego me trouxe uma notícia estarrecedora. Pelo terceiro dia consecutivo, os ingleses bombardearam Copenhague, capital da Dinamarca. Um terço da cidade — construída sobre as ilhas Zelândia e Amader — foi ao chão, mais de mil civis irão para debaixo da terra.

O ataque mostrou que está errado quem acha que pode se pôr ao lado de Napoleão e, portanto, contra piratas do rei Jorge, sem sofrer as consequências.

Por falar nisso, terminou há três dias o prazo dado pelo conquistador francês para d. João fechar os portos aos ingleses... ou sofrer as consequências. Esse ultimato teve a aprovação de Carlos I, rei da Espanha e, por coincidência, pai de d. Carlota. E ainda há quem não acredite na maledicência dos sogros em relação aos genros!

Que sanguessugas, além de mim, d. João irá consentir que cravem os caninos na jugular da nação portuguesa? O monarca equilibrista ainda acha que pode fazer uma escolha de sua escolha, como “Entre o frango assado e o carneiro ensopado, fico com o peixe frito”...

O casamento forçado

12 de outubro de 1807

Lembro-me de quando assisti à comédia de Molière chamada *O casamento forçado*. Uma peça com esse nome poderia contar a história de constante desprezo e ódio entre d. João e d. Carlota Joaquina.

É sabido que casais muito ricos às vezes dormem em quartos separados.



Os pais de d. Pedrinho não são exceção. A diferença básica é que o quarto de um fica a um pouco mais de vinte e um quilômetros do quarto do outro, pois cada um está em uma cidade portuguesa.

Que incrível sensação de tranquilidade e silêncio tivemos quando nos mudamos com d. João para o mosteiro de Mafra, ficando a “d. Castanhola” instalada no palácio de Queluz. E que sorte a minha d. Pedrinho ser mais próximo ao pai e seu irmão, à mãe.

O que Napoleão quer de cada governante europeu não deixa de ser um casamento forçado. Cansado de esperar uma resposta de d. João ao ultimato do tipo “Case-se comigo ou te mato”, o francês deu ordem para que seja derrubada a porta do dormitório da indecisa donzela lusitana.

A megera domada

17 de outubro de 1807

A megera domada é a mais saborosa comédia de William Shakespeare. E que melhor alcunha para a mãe de meu pupilo? D. Carlota não tem papas na língua, educação nem um pingo de refinamento, beleza ou elegância. É sempre agressiva e maldosa, provavelmente adúltera e, na maior parte do tempo, mal-humorada e violenta.

À primeira vista, pode-se imaginar que essa senhora domine totalmente o marido, mande e desmande, faça e aconteça. No entanto, o glutão bonachão mantém a esposa à distância e sob controle. Entre as várias conspirações contra d. João, a pior ocorreu há dois anos, quando ela criou um partido para dar um golpe de Estado e arrancar o poder das mãos do príncipe regente. Ao ser descoberta, a tirana espanhola foi vencida e só não foi presa porque d. João quis evitar o escândalo, ainda que a tenha confinado no palácio de Queluz.

Já Napoleão I é um osso bem mais duro de roer. Seus vinte e três mil soldados entraram hoje com tudo em solo português, sob comando de Jean-Andoche Junot, militar que já passou um tempo por aqui como diplomata.

No entanto, nosso equilibrista ainda oscila entre ir ou ficar. Esperamos que não caia do arame, levando-nos junto na queda.

A tempestade

24 de novembro de 1807

Quando uma quadrilha de assaltantes está prestes a invadir sua casa pela porta da frente, o jeito é sair correndo pela porta dos fundos. No caso de

Portugal, atrás está o oceano Atlântico, e o jeito é fugir para o grande quinto do Império, aquele local chamado Brasil.

Na surdina, a evasão real é preparada. Que maneira covarde nosso governante escolheu para salvar seu gordo pescoço, o de sua família e o de seus cortesãos, deixando o resto da população no escuro, abandonada à própria sorte, só se dando conta quando a corja — da qual faço parte — já estiver a bordo das naus da fuga.

Isso me faz lembrar a última peça escrita por Shakespeare, *A tempestade*, na qual o protagonista e duque de Milão, chamado Próspero, é traído por seu irmão, também herdeiro do título, e, em plena escuridão da noite, é colocado em uma embarcação com sua filha Miranda e mandado para o exílio.

Tempestade é também o apelido de Junot, que avança com vinte e três mil soldados franceses solo português adentro.

O equilibrista finalmente decidiu: vamos partir para o admirável novo mundo de mala e cuia e o rabo entre as pernas!

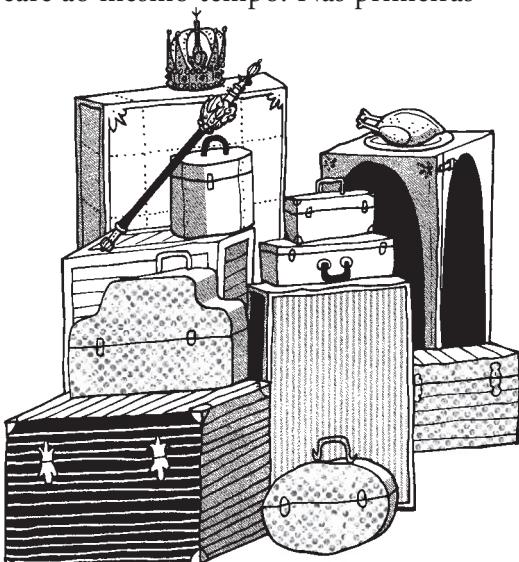
O último a chegar ao porto é um asno!

27 de novembro de 1807

Este dia certamente ficará gravado como uma mancha de banha de porco numa página do livro da história dessa nação.

O povo, junto ao porto, assistiu de boca aberta e coração partido a várias obras de Molière e Shakespeare ao mesmo tempo. Nas primeiras horas de um dia chuvoso, o embarque nas naus que nos levaram ao Brasil foi uma mistura de *Noite de reis*, *As preciosas ridículas*, *Os importunos*, *O burguês fidalgo* e, principalmente, *A comédia dos erros*.

A família real, camuflada em uma carruagem modesta, vai às pressas rumo ao cais. D. João embarca com sua mãe e seus dois filhos na nau *Príncipe Real*. D. Carlota Joaquina viajará na *Alfonso de Albuquerque*, acompanhada das seis Marias.



- D. MARIA I Para onde vamos com tanta pressa, João?
- D. JOÃO Vamos dar um passeio pelo mar, mamãe.
- D. CARLOTA JOAQUINA Bravo! Alimente a demência da velha.
- D. MARIA I Já que estamos cá, vamos. Mas lembre-se de perguntar para sua genitora, que por acaso é a rainha de Portugal, se ela deseja passear.
- D. CARLOTA JOAQUINA Ai, minhas castanholas! Não basta viajar em outra nau. Devia ter dado ordens para que fosse providenciada outra carruagem.
- D. JOÃO Não está apreciando a primeira etapa da viagem? Desça e vá a pé! Ou na garupa de sua vassoura voadora.
- D. CARLOTA JOAQUINA Isso não são modos de falar com uma futura rainha! Boçal!
- D. MARIA I Futura rainha de onde? De Sabá?
- D. MIGUELITO Não, de toda a América espanhola!
- D. CARLOTA JOAQUINA Cale-se, meu burrinho adorado!
- D. JOÃO Não se importe em disfarçar, minha esposa. Conheço cada um de seus planos maquiavélicos, querida traíra.
- D. CARLOTA JOAQUINA Não sei do que estás aí a balir. Bode cabrão!
- D. MARIA ISABEL Os bodes não balem, quem bale são os carneiros.
- D. CARLOTA JOAQUINA E meninas que não querem levar bofetões não falam. Imbecil!
- D. PEDRINHO Posso brincar com minha espada?
- D. MARIA I Não deixem!

- D. PEDRINHO Eu vou matar uma baleia no alto-mar!
- D. MIGUELITO E eu vou matar um urso!
- D. MARIA ISABEL Em pleno mar?
- D. PEDRINHO Eu vou é caçar uma sereia!
- D. CARLOTA JOAQUINA Não comece com suas imundícies! Tarado!
- D. JOÃO As imundícies estão reservadas para outro alguém?
- D. CARLOTA JOAQUINA Estão! Para a senhora sua mãe. Poltrão!
- D. MARIA FRANCISCA O que são imundícies?
- D. ISABEL MARIA Coisas que são imundas de tão sujas, o que mais?
- D. MIGUELITO Tem mais, muito mais do que você pode sonhar!
- D. CARLOTA JOAQUINA Que gracinha de menino. Garanhão!
- D. MARIA FRANCISCA Isso eu sei o que é!
- D. JOÃO Alguém viu um par de frangos assados? Estavam aqui!
- D. CARLOTA JOAQUINA Um porco que passou por aqui devorou. Maldito leitão!
- D. JOÃO Não consigo ir até o porto sem me alimentar.
- D. MARIA I Estamos a apenas alguns quarteirões. Deixe de ser guloso e maluco, querido Manuel!
- D. PEDRINHO Morte a Junot!
- D. MARIA I Tomem cuidado! Este meu neto é muito independente!
- D. PEDRINHO Morte a Napoleão!